

# Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva (\*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (\*\*)

## I

1. É mais ou menos consensual, mesmo que as práticas nem sempre o confirmem, que as Técnicas Projectivas são instrumentos privilegiados da avaliação psicológica, a qual deverá sempre ocorrer num *contexto clínico*, onde se joga predominantemente a relação entre dois sujeitos (psicólogo e examinando). Essa relação é, muitas vezes, «mediatizada» por testes psicológicos e tem por objectivo atingir, tanto quanto possível, a *realidade psicológica de um sujeito* – quer em termos «genéricos», quer em termos de diagnóstico psicológico ou diferencial.

Existem uma série de pressupostos, ver pre-conceitos, entre os Psicólogos em relação à situação de teste, em particular, e da avaliação psicológica, em geral, que poderemos agrupar de duas formas.

Por um lado, fundada na preocupação da *objectividade*, e no evitamento de tudo o que possa configurar-se como «subjectivo» há uma conduta que privilegia o recurso a instrumentos considerados válidos, do ponto de vista psicomé-

trico. Tal atitude leva a que o objecto em estudo, o sujeito psicológico, apareça confinado a um conjunto de dados, quantificados, dados esses que são fornecidos com as comparações intra e inter-individuais e inter-grupais.

No lado oposto, temos como atitude fundamental inscrita no não privilegiar da objectividade, a procura da *subjectividade* do sujeito. Recusa-se então tudo aquilo que é instrumento objectivo.

Estas duas posições, aqui extremadas, assentam num certo saber instituído, previamente constituído e devem ser ponderadas. É nosso entender que a *identidade de um Psicólogo Clínico* se define, antes de mais, pelo domínio de *teorias, técnicas e métodos compatíveis entre si*, cujo objectivo é tentar atingir a «verdade» psicológica do sujeito observado para se poder, directa ou indirectamente, encetar um processo de intervenção.

A compatibilização entre teorias, métodos e técnicas é justamente o objectivo fundamental que pretendemos aqui discutir, apresentando para isso uma concepção de *técnica e metodologia projectiva*, generalizável à de teste em geral, fundada numa concepção teórica definida.

É um facto que existe nos desenvolvimentos da Psicologia Clínica – por causa das relações que ela mantém com a Psiquiatria, a Psicologia

(\*) Comunicação apresentada no Colóquio «Relação Terapêutica», ISPA, Lisboa, Maio de 1992.

(\*\*) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

Experimental e a Psicanálise – um balanceamento, mais ou menos constante, entre a *procura da objectividade* e a necessidade de *conter e interpretar «todos»* os dados psicológicos, os quais, dada a sua complexidade, nunca se esgotam na descrição que deles fazemos. Os perigos de uma e outra centração são inúmeros, e em síntese poderemos dizer que a objectivação, que tantos males e bens nos trouxe, é sempre ilusória, e pode pôr em perigo o nosso conhecimento. Quanto às tendências mais voltadas para a interpretação, que procuram não deixar de lado, aparentemente, nenhum fenómeno, contêm também inúmeros perigos, dos quais o maior será o de quanto menos percebemos mais interpretamos.

*«A verdadeira objectividade não existe. Há tantos perigos em acreditar, sem provas convincentes, na relatividade de qualquer conhecimento psicológico, como em confiar ingenuamente na objectividade dos métodos, votados, por natureza, a permanecer inadequados. No primeiro caso, corremos o risco de abandonar toda a prudência no uso da intuição... No segundo caso, somos expostos a confundir simples sinais com uma configuração que eles nunca esgotam... Não renunciar à objectividade para encontrar o objecto, mas desprezar lucidamente a condição verdadeira do investigador, instalar-se na dialéctica da objectivação e da subjectivação, cujo próprio movimento, intimamente contraditório, é no conjunto, a limitação e o impulso, essenciais do conhecimento como saber e como compreensão.»* (Guillaumin, 1965/77, p. 258)

Parece-nos legítimo concluir que a discussão entre a «objectividade» e a «subjectividade» é um trabalho que não merece um grande aprofundamento. Interessa tentar estabelecer outras vias de discussão.

2. Os desenvolvimentos da Psicologia Clínica, traçados pelas suas pertenças e vizinhanças com certas concepções e práticas parecem marcados pelo privilegiar quase exclusivo do chegar a conclusões, resultados, produtos finais e interpretação, sem prestar muita atenção aos processos ou transformações que permitem lá chegar.

Acresce a este facto o privilegiar-se, predominantemente, o pensamento e a referência psicopatológica, no sentido de se estabelecerem os diagnósticos, quer estes sejam diferencial, psico-

lógico ou centrado sobre funções isoladas, como por exemplo, a inteligência, a memória, etc.

A Psicologia que é a disciplina que melhor conhece tudo aquilo que se refere às modalidades de funcionamento mental normal (sem as quais não seria, aliás, possível estabelecer os desvios patológicos), acaba por não fazer muito uso desses conhecimentos. Domina a procura das dimensões patológicas do funcionamento, omitindo-se ou relegando-se para segundo plano as dimensões de adaptação e integração.

Parece-nos que na situação de avaliação psicológica se tende a não prestar muita atenção, a retirar importância aos processos que ocorrem nessa situação tão singular. No geral, pensa-se depois nas respostas-reações que os sujeitos deram, isto é, pensa-se na ausência do sujeito, sem nenhuma possibilidade de confirmação, correndo-se o risco de não se ter anotado tudo o que aconteceu e de não se ter sido sensível a «movimentações» que ocorreram na situação, mas que não se expressam nas respostas obtidas. Mais, o privilegiar do patológico é tão invasor que não se tem nenhuma atenção, não se explora, não se é sensível aos movimentos progredientes que, eventualmente, se poderiam expressar numa relação tão especial como esta, e que seriam indicadores preciosos para a compreensão do sujeito em observação.

São estas questões que nos parecem mais «consistentes» e mais propícias a uma crítica e a uma discussão: centração sobre a necessidade de concluir, concluir *com* e *sobre* o patológico, sem haver as necessárias preocupações sobre os *processos* que conduzem à expressão do resultado. Estas questões levam-nos à necessidade de colocar de outra forma a explicitação da situação da avaliação psicológica, da situação de teste e da situação projectiva, de forma a podermos conter os problemas colocados pela necessidade de estabelecer novas modalidades de escuta, novos processos de interpretação, no sentido de melhor perseguirmos o conhecimento, o saber.

As vias que permitem perseguir esse conhecimento, o conhecimento sobre os instrumentos que usamos e sobre o conhecimento do outro, aqui estabelecidas na proximidade relativa às concepções de Bion, só podem ser vias a construir, vias que operam como grupos de transformações na lealdade ao vínculo do conhecimento (K), isto é sem mentira, sem subterfúgio (Bion,

1965/1982). É então indispensável criar uma espécie de «*capacidade negativa de escuta*», sem a qual o desejo de conhecer a verdade psíquica do nosso objecto de estudo não será verdadeira, porque só se inscreve na nossa memória (Bion, 1967/1989).

«*A escuta... desenrola-se, numa perspectiva de não saber, abolindo o desejo de confirmar uma ideia pré-estabelecida*» (Faimberg, 1989, p. 1460). Dito de outra forma, qualquer tentativa que consista em construir um conhecimento que se deseja objectivo, só pode ser fundada numa espécie de mentira, através da qual estabelecemos, mais ou menos alienadamente e alienantemente, «*um certo isomorfismo entre os instrumentos do conhecimento e o seu objecto...*» (Luquet, 1987, p. 127).

Deveríamos ter uma maior consciência de que «*o conhecimento como saber é... a compreender como uma sombra projectada do real... organiza assim, fora de nós, a representação dos nossos objectos... na evidência de um olhar que, no entanto, não pode apreender verdadeiramente...*» (Guillaumin, 1982, p. 824).

3. Conscientes das dificuldades inerentes à nossa tarefa de construção do conhecimento, temos de ter sempre presente que desempenhamos, como agentes produtores de conhecimento, um duplo papel, que formulamos como «*desejo de saber e saber do desejo*», isto é, devemos ter, ao mesmo tempo, uma dupla atenção: por um lado, o saber inscrito no desejo designa uma espécie de estado de estagnação, de prazer, que mais não é do que estar sentado face a um espelho. É a quietude narcísica que é procurada, o desejo de possuir o outro, de obter prazer através do outro (Braunschweig & Fain, 1971) não gerando assim nenhum saber. Mas, por outro lado, as aproximações à compreensão só ocorrem num contexto preciso, constituído por dois actores, pelo que devemos ter sempre presente que interferimos clara e fortemente no processo de conhecimento, de saber, e que, se disso tivermos consciência, nos podemos apropriar desse facto e constituí-lo como um motor do saber, no sentido em que concebemos «*o desejo como representação do objecto ausente, projectada em seguida sobre um objecto presente*» (Braunschweig & Fain, 1971, p. 117).

Mais ainda, deveremos conceber a escuta, a

interpretação (e o saber) como estando ligados indissociavelmente às «*mensagens originais e insubstituíveis da afectividade... em vez da preocupação da descrição dos símbolos deve(-se) ser sensível à expressão... (necessita-se) de um contacto íntimo quer com os afectos do outro, quer com os próprios...*» (C. David, 1971, p. 299).

## II

Chegamos agora à altura de apresentarmos uma formulação sobre a situação de teste, em geral, e de técnica projectiva, em particular. Partiremos, para atingir tal fim, de uma citação de Guillaumin (1965/1977), na qual aparecem alguns dos pontos fundamentais para a explicitação da situação de teste no contexto da avaliação psicológica que «*... apresenta, no mais alto grau, as condições que correspondem a uma situação de inter-acção. Tudo nela favorece a influência constante de cada um dos parceiros sobre o outro...*» (p. 7). E acrescenta mais adiante, «*qualquer testemunho (teste, respostas) que emana do sujeito, exprime, qualquer que seja a forma, o conjunto das situações internas e externas às quais o sujeito foi submetido, até ao momento em que o testemunho emerge*» (p. 64). «*O quadro psicológico, espacial e temporal... no qual se vem inscrever a breve inter-acção do exame, tem um peso importante na forma que tomam as trocas e, por isso mesmo, o resultado dos testes.*» (p. 74-75)

Aparece aqui legitimada a nossa pretensão em estabelecer em que consiste a situação de teste: trata-se de uma situação complexa, trata-se de uma relação interpessoal, com «trocas» que interferem nas respostas obtidas, trata-se, finalmente de uma situação que ocorre num contexto que é preciso estabelecer do ponto de vista das suas características internas e externas. Conhecer um sujeito obriga-nos a não fazer omissão dos vários factores que determinam as respostas dadas, para posterior interpretação.

A explicitação recolhida em Guillaumin, ainda que antiga, não produziu grande impacto. O trabalho de Guillaumin, notável, não conduziu a nenhum repensar dos métodos usados quer na recolha de dados e observação, nem tão pouco na interpretação dos resultados aos testes. Contudo,

no que se refere às Técnicas Projectivas, o Rorschach em particular, a indicação de que a situação de teste é uma situação complexa, foi explicitada desde há muito, e isso talvez devido à proximidade entre Técnicas Projectivas e Teoria Psicanalítica.

Foi a partir da noção de «*dinâmica da relação interpessoal na situação projectiva*» que Schafer (1954), chamou a atenção, inventariou e agrupou uma série de fenómenos reais e imaginários, sem os quais, afirmava, o nosso conhecimento das respostas de um sujeito, e o próprio conhecimento do sujeito, seria incompleto. Schafer definiu então a situação Rorschach à volta de três elementos: *problemática do testador, dinâmica do teste e implicação da dinâmica interpessoal na interpretação*.

A *problemática do testador* foi discutida à volta dos aspectos profissionais e pessoais, que, levando o Psicólogo a desejar manter uma situação estandarizada, o levam também a revelar um desejo de obter o maior número de respostas para apreciar, respostas, o mais possível, desejasse, reveladoras do mais profundo do funcionamento do sujeito. Este desejo pode expressar-se ao nível de atitudes que podem ir do voyeurismo à autocracia, passando sempre pela intrusão.

Quanto à *dinâmica do teste*, esta deverá permitir que as respostas do sujeito revelem as constantes do seu funcionamento mental, mais ou menos orientado para o exterior. As constantes desse funcionamento são dadas através do permanente balanceamento entre regressão e progressão e, eventualmente, criatividade, balanceamento esse que revela as dimensões defensivas do funcionamento do sujeito.

O terceiro aspecto, a *implicação da dinâmica interpessoal na interpretação*, deverá levar-nos a ter em conta que pode haver distorções nas respostas, o que nos obriga sempre a procurar as partes mais adaptadas do sujeito. Deve levar-nos a ter em conta que poderá haver distorções na interpretação, devidas ao Psicólogo ou ao examinando. No primeiro caso, tal pode ocorrer por razões tão diversas como: interesses, sensibilidades, rivalidade face a outros técnicos, dificuldades inerentes à observação, transcrição e compreensão. No segundo caso, surgem, a título de exemplo, os fenómenos ligados à hostilidade ou simpatia face ao sujeito em observação.

Temos, assim, segundo Schafer, que adoptar

uma atitude que leve ao enriquecimento da interpretação, isto é, devemos fazer convergir dois aspectos: a interpretação das respostas à luz das condutas do sujeito, e a interpretação da conduta à luz das respostas. Esta atitude faria aumentar a compreensão e a objectividade, e contribuiria também para prestar uma especial atenção ao facto de que, quanto mais percebemos o processo de formação e expressão de uma resposta, melhor compreendemos a resposta e o sujeito.

Esta concepção contém, no entanto, algumas «omissões». Apresentando a situação projectiva como uma relação interpessoal, relega para segundo plano, até quase o fazer desaparecer, o facto de haver dois parceiros nessa relação. A preocupação centrada no conhecimento do processo resposta Rorschach, conduz a um desnívelamento da inter-acção. É como se o observador fosse um elemento neutro, no sentido das interferências no processo-resposta, devendo só ampliar o conhecimento para melhor interpretar. O sujeito em exame produz respostas que só têm a ver com a dinâmica do seu funcionamento, sem o outro, o psicólogo.

É justamente este estatuto de neutralidade do examinador que é discutido, cerca de 20 anos depois. Ao explicitar uma teoria e método T.A.T., V. Shentoub (1983) assimila a situação de teste a uma situação de conflito ao nível de três parâmetros: material, instrução e presença do examinador. Ao caracterizar este terceiro parâmetro, levanta justamente a questão de que o papel do examinador não é neutro, pelo contrário, ele é altamente activo. Diz então dever ser considerada a participação da transferência (não havendo contudo referência à contra-transferência). Contudo, esta explicitação de V. Shentoub «dissolve-se» no seu sistema, já que não lhe é prestada mais nenhuma atenção. Pelo contrário, este elemento é usado, a par de outros, para caracterizar a situação de teste como situação de conflito, conflito esse que leva o sujeito a ter de mobilizar as suas modalidades de defesa habituais, as mesmas que usa face a qualquer situação de conflito.

Temos, finalmente, e ainda como referência obrigatória para a caracterização da situação de teste, os trabalhos que se inscrevem na escola francesa, no geral, e sobretudo os trabalhos sobre o Rorschach. Neste caso, a atenção é centrada ou no processo-resposta Rorschach, visto

como um balanceamento entre actividade perceptiva e actividade fantasmática (Rausch de Traubenberg, 1983) ou na elaboração de uma interpretação psicanalítica do Rorschach, ordenada à volta de dois eixos: representação de si e representação da relação versus identidade e identificação (Rausch de Traubenberg & Chabert, 1978; Chabert, 1987).

Há, assim, no âmbito das Técnicas Projectivas, o que não é o caso de outros testes psicológicos, uma preocupação importante quanto à necessidade de caracterizar a situação de teste, mas verifica-se também que tal caracterização, talvez pela focalização excessiva sobre a Psicopatologia e o Diagnóstico Diferencial, leva a deixar de lado dimensões importantes.

Parece-nos, portanto, fundamental reter e discutir duas dimensões na situação projectiva: em primeiro lugar, a *relação psicólogo-examinando, considerada como inter-acção*; em segundo lugar, o *processo de elaboração de uma resposta*, fenómeno complexo que ocorre num certo «percurso». Interessa-nos conhecer o produto final (respostas), que é o material fundamental para a nossa interpretação, mas seria igualmente importante conhecer todo o processo que conduz a esse produto final, sem o que a interpretação será enferma.

Quando as interrogações que nos pomos não têm eco nas referências teóricas que nos informam habitualmente, somos da opinião que devemos partir à descoberta de outras formulações teóricas, mais ou menos afastadas, para podermos reflectir sobre elas, para delas nos apropriarmos, após um trabalho de acomodação aos princípios teóricos que sustentamos e nos sustentam.

### III

Fomos procurar nos domínios aparentados com o Psicologia Clínica, sobretudo à Psicologia Social e à teoria psicanalítica mas não exclusivamente, elementos que nos permitam formular uma caracterização de situação projectiva, no sentido de poder tornar mais sensíveis os instrumentos e métodos que privilegiamos.

1. Num trabalho realizado por Michèle Gresson (1988), encontramos uma reflexão sobre a

situação de teste, da qual retivemos os elementos que nos permitem uma aplicação à situação projectiva. É discutida a situação de teste como um *contexto*, enquanto *rede de significações construídas* no decurso de uma *inter-acção*. Para a definição do *contexto* importará ter em conta que a situação de teste é constituída por dois parceiros que não podem ser considerados como entidades isoladas, pelo contrário, eles encontram-se em inter-acção, e criam, a partir de uma «negociação incessante», uma *intersubjectividade*. A criação desta intersubjectividade implica que cada interveniente, no decurso da inter-acção, ultrapasse o seu universo privado e adopte, mais ou menos, o papel do outro, isto é, cada actor inclui nos seus pontos de vista, nas suas respostas aquilo que pensa também serem os pontos de vista do outro.

Esta explicitação obriga-nos, assim, a ter de olhar de outra forma o *examinador*, «*ele é considerado como um actor social. Não é mais excluído da observação e, já que ele confere significações ao objecto de estudo, ele torna-se, ele próprio, objecto de estudo*» (Gresson, 1988, p. 160).

Devemos ter em conta que o produto que iremos analisar, as *respostas* de um determinado sujeito, se produzem num contexto determinado, contexto esse que nos obriga a considerar as suas respostas como um objecto construído numa inter-acção intersubjectiva. Não se pode considerar que as respostas que obtemos, por exemplo, num Rorschach, sejam produzidas exclusivamente do encontro entre o sujeito e a mancha, encontro esse que ocorre sob o olhar e presença neutra do examinador. Pelo contrário, as razões, conscientes e inconscientes que levaram ao estabelecimento da situação projectiva, pelo examinador e pelo examinando, a inter-acção e intersubjectividade que se estabelecem e constroem produzem respostas que são, no primeiro plano, a interpretar como um «aqui e agora».

Poderíamos dar múltiplos exemplos demonstrativos, mas só apresentaremos um, talvez o mais «radical» que a nossa memória reteve, que ilustra bem o que acabamos de explicitar. Num contexto de recolha de protocolos Rorschach junto de uma população normativa para investigação, cujo objectivo era explicitado aos sujeitos, surge um indivíduo que, no meio de duas recusas, só dá respostas sexuais. Observa-

-se, no entanto, que no Cartão V o sujeito diz: «Parece uma borboleta, mas não deve ter nada a ver.» Tal formulação leva-nos a tentar perceber a que é que corresponderia. No inquérito aparece a explicitação: «Porque tem a forma, mas acho que não devia ter dito isto. Não é isso que queria que dissesse, pois não? Confundi, não deve ter nada a ver com uma borboleta, deve ter a ver com órgãos sexuais.»

Há aqui uma dupla projecção, sobre o material e sobre o examinador, e é da sua intersecção que nasce a resposta.

2. Do encontro com a teoria psicanalítica retirámos algumas concepções que servirão para ajudar a caracterizar a situação projectiva. Iremos usar sobretudo algumas explicitações que decorrem dos trabalhos de M. Klein e Bion.

A importância, qualquer que seja a formulação, da(s) *transferência(s)* na teoria e prática psicanalítica é de tal forma nuclear que será impossível não a reflectirmos quando procuramos estabelecer uma caracterização da situação projectiva que contenha as dimensões de *inter-acção* e *intersubjectividade* atrás referidas.

Vamos partir do pressuposto, estabelecido anteriormente, de que *a situação projectiva é uma situação que se define como o encontro de duas subjectividades, que irão construir uma intersubjectividade numa inter-acção singular e singularizante que interfere e cria a tarefa a levar a termo, isto é, interpretar, por exemplo, as manchas Rorschach.*

Interpretar um teste projectivo pode ser visto como algo que provoca no sujeito (examinando) um sentimento de *caos psíquico* que o leva a clivar e depois a projectar essa parte sobre o exterior. O outro (Psicólogo) contém essa parte e, naquilo a que Bion chamou *rêverie*, começa o processo de *formação de símbolo* e do *pensamento* (Houzel, 1991). Poderíamos ainda formular este processo da seguinte forma: «*a especificidade da exigência feita ao sujeito, que possui em si a representação do objecto, no caso aqui considerado, a tarefa, as manchas de Rorschach mas que espera que o outro, o Psicólogo, lhe forneça um continente-quadro, para aí projectar essa representação*», que é a resposta ao Rorschach que é comunicada ao Psicólogo (Bégoïn, 1991). A transformação em símbolos, o pensa-

mento, as respostas Rorschach, ocorrem sempre através da relação continente-conteúdo, através da capacidade de *rêverie* e da *função-alfa*, conceitos usados tal como aparecem em Bion.

«*O processo de formação de símbolos é um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores*» (H. Segal, 1955 e 1979/1988, p. 178). Este trabalho de união e integração, este trabalho de ligação ocorre numa relação com o *objecto externo* (tal como este é formulado em M. Klein), que terá de possuir certas qualidades psíquicas para poder suscitar a capacidade de pensar. Será a noção de *reparação* (presente na obra de M. Klein) que nos poderá dar conta desse processo de integração, no sentido em que a reparação visa restaurar o objecto na sua completude e coerência, preservando assim a integridade do Ego, posta em causa na situação projectiva. A partir do laço entre a «*verdadeira reparação*» (Houzel, 1991) e a *formação do símbolo*, pode-se ver como é reconstituída a completude dos objectos e como ocorre o processo geral de integração, isto é, podemos ver qual a relação entre a resposta e a verdade do sujeito.

O processo de formação de símbolos, as respostas Rorschach, visa a estabilização do mundo psíquico, através da *identificação projectiva*, após a vivência de «caos» produzida pela situação de teste, e procura restaurar a completude. As relações entre o interno e o externo, entre o Eu e o objecto, a tarefa e o Psicólogo, e os processos de identificação que daí resultam, devem ser compreendidas numa relação *continente-conteúdo*, relação esta que repousa no vínculo K (conhecimento). Esta relação deverá ser compreendida, num modelo de *transformação*.

O *modelo das transformações*, tal como é explicitado por Bion (1965/1982), permite-nos estabelecer em que consiste o «caos psíquico», de que falámos à pouco para caracterizar a situação de teste, noção esta que aparece em Bion sob a designação de *situação catastrófica*. É a partir desta noção que iremos estabelecer uma nova compreensão sobre o processo de formação das respostas Rorschach, vistas como um processo de transformação-criação que ocorre na situação de teste, e permite, também, formular, de outra forma, a nossa interpretação do processo de construção das respostas.

A situação de teste, no duplo confronto que a define: inter-acção entre Psicólogo e examinando e tarefa de interpretação de manchas sem um significado preciso, pode ser considerada como uma situação catastrófica e como um processo de transformação ( $T\alpha$ ). O produto resultante desse processo, as respostas que o sujeito nos fornece, revelam algumas invariâncias que permitem reconhecer nesse produto final ( $T\beta$ ), o original («O») transformado. O material que o sujeito nos fornece, as respostas Rorschach, representa os factos que estão na sua origem («O»), a mancha e a inter-acção, a partir dos quais vamos descobrir a natureza da representação do sujeito. A partir da invariância do material que nos é fornecido, vamos saber qual é o original («O») e aquilo que o sujeito fez para transformar esse original ( $T\alpha$ ) e, também, compreender a natureza do sujeito.

Duas pessoas encontram-se num determinado quadro psicológico – temporal e espacial – e o que ocorre é que «O» psicólogo, submetido a  $T(\text{psicólogo})\alpha$ , dá lugar a  $T(\text{psicólogo})\beta$ . O mesmo acontece, claro, ao examinando, isto é o «O» examinando, submetido a  $T(\text{examinando})\alpha$ , dá lugar a  $T(\text{examinando})\beta$ . É assim que se estabelece um novo original («O») para cada um dos parceiros da inter-acção, bem como um original para a situação, que surge do entrecruzamento dos «O» dos dois parceiros. Dito de outra forma, aquilo que é o verdadeiro ser de duas pessoas («O» psicólogo e «O» examinando) encontra-se na situação projectiva, adquirem pontos comuns e cria um novo ponto inicial («O»), que contém elementos dos dois parceiros transformados. Aparecem, assim, os processos que conduzem a essa transformação, bem como o produto dessa transformação, que inclui os dois parceiros numa criação de «um verdadeiro ser a dois».

A tarefa que propomos ao sujeito, a interpretação das manchas Rorschach, formulada de forma a não dirigir o sujeito para a descrição mas para a interpretação («Diga-me o que é que isto poderia ser»), inscreve-se, obrigatoriamente, na relação inicialmente estabelecida e vai passar por um processo de transformação.

As manchas que apresentamos ao sujeito constituem uma impressão sensorial a organizar como uma percepção (esta organização é facilitada pelas características do estímulo que ainda que ambíguo, apresenta características

perceptivas precisas de forma, cor...), a partir da qual surge uma resposta que é comunicada ao Psicólogo, sob a forma de palavras que revelam o pensamento.

A transformação que ele opera é uma transformação projectiva, que ocorre por projecção, clivagem e identificação projectiva, mas impõe-se em seguida que o sujeito, ao formular as respostas, revele a transformação dos pensamentos em palavras – transformação de movimento rígido – no fim da qual nos é possível ver certas características e significados, as invariâncias, que são tomadas pelo Psicólogo como o material a interpretar. Aquilo que o Psicólogo entende do material fornecido pelo sujeito é interpretado, com, claro está, transformação do significado incluído.

As imagens que o sujeito nos fornece, formuladas em palavras, são, então, consideradas como produto de uma transformação de pensamentos e de emoções que se referem quer a situações internas e externas, quer a situações passadas e presentes, das quais são, também, transformações.

Quando o examinando, submetido à situação de teste, consegue tolerar essa «situação catastrófica», vê-se então como é que ele pode usá-la, isto é como ele usa o pensamento.

As respostas do sujeito revelam-nos, assim, como é que ele resolveu o problema que lhe foi posto, que designamos por *realização* ou *pré-concepção*. Vê-se assim o processo de transição entre ter conhecimento de «O» e o tornar-se «O» (as transformações em «O» contêm sempre, na perspectiva de Bion, um carácter disruptivo, ao qual chama *mudança catastrófica*, que consiste numa configuração de factos, *conjunção constante*, caracterizados pela violência, subversão do sistema e invariância, que se revela na relação *continente-conteúdo*), vê-se assim a transição da *pré-concepção* (tarefa) à *concepção* (resposta). A mancha e a tarefa continuam contudo disponíveis para novas imagens, para novas associações, isto é, a mancha e a tarefa continuam disponíveis como pré-concepções que podem ser de novo usadas para novas concepções.

O impacto desta formulação na interpretação que fazemos do material do sujeito, terão de decorrer das explicitações anteriores. Diremos então e usando Bion (1965/1982), que «... o material fornecido... é significativo... da visão

(representação) que tem o paciente de certos factos que estão na origem («O») da sua reacção» (p. 22) é então através do material fornecido «... que se vai descobrir a natureza da sua representação (T pacienteβ)» e que «... espero descobrir, a partir dos invariantes do seu material, o que é "O", aquilo que ele fez para transformar "O", isto é a natureza do T paciente e, por conseguinte, a natureza de T paciente». (p. 23).

As interpretações que o sujeito nos fornece, as respostas Rorschach, constituem-se como o «O» a partir do qual a interpretação que fornecemos desse material se estabelece e desenvolve.

A nossa interpretação das respostas Rorschach, colocando-nos o problema da natureza da relação entre a interpretação e o problema interpretado, formulada nos termos apresentados, parece-nos que poderá ocorrer numa maior lealdade face ao vínculo K.

#### IV

Resta-nos, para concluir, reter a indicação de que poderemos enriquecer o nosso conhecimento através da apropriação de outros pontos de vista que emergiram noutros quadros, numa lógica de complementaridade. Deveremos inscrever a nossa formulação e conduta na avaliação psicológica numa atitude feita de escuta, compreensão e interpretação, o que lhe permite conferir, verdadeiramente, valor de conhecimento, conhecimento que, porque nunca pré-estabelecido, se inscreve numa via de construção e transformação.

Às clássicas discussões entre objectividade e subjectividade dos métodos e técnicas em Psicologia Clínica devem substituir-se outras, nomeadamente a que consiste em estabelecer uma caracterização dos processos envolvidos na situação de teste.

Para a caracterização desses processos retivemos uma formulação na proximidade relativa com as concepções que, no âmbito da teoria e prática psicanalíticas, servem para explicitar a «dinâmica interpessoal» que decorre do encontro entre dois sujeitos (paciente e psicólogo).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bégoïn-Guichard, F. (1991). Représentation, désir, pensée. *Les Chaiers de l'IPC*, 12, 8-26.
- Bion, W.R. (1965/1982). *Transformations. Passage de l'apprentissage à la croissance*. Paris: P.U.F.
- Bion, W.R. (1967/1989). Notes sur la mémoire et le désir. *Revue Française de Psychanalyse*, LIII(5): 1447-1451.
- Braunschweig, D. & Fain, M. (1971). Du désir en général. *Eros et Anteros*, 113-137.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte*. Paris: Dunod.
- David, C. (1971). *L'état amoureux*. Paris: P.B.P.
- Faimberg, H. (1989). Sans mémoire et sans désir: à qui s'adressait Bion? *Revue Française de Psychanalyse*, LIII(5): 1454-1461.
- Gresson, M. (1988). *La construction sociale de l'intersubjectivité entre adulte et enfant en situation de test*. Thèse de Doctorat. Faculté des Lettres de l'Université de Neuchâtel. Fribourg: Ed. Delval, Cousset.
- Guillaumin, J. (1965/1977). *La dynamique de l'examen psychologique* (2ème ed.). Paris: Dunod.
- Guillaumin, J. (1982). Connaissance mythique et mythe du savoir. *Revue Française de Psychanalyse*, XLVI(4): 823-837.
- Houzel, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 11: 46-72.
- Luquet, P. (1987). *Langage, pensée et structure psychique. I - Pensée et langage dans la cure*. Paris: S.P.P. ed.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de inter-acções. *Análise Psicológica*, IV(1) 17-22.
- Rausch de Traubenberg, N., Boizou, M.-F., & Chabert, C. (1978). Représentation de soi. Identité, identification au Rorschach chez l'enfant et l'adulte. *Bulletin de Psychologie*, 339: 271-277.
- Schafer, R. (1954). *Psychoanalytic Interpretation in Rorschach testing. Theory and application*. New York: Grune and Stratton.
- Segal, H. (1955 e 1979 / 1988). Notas sobre a formação de símbolos. In *Melanie Klein Hoje*, Vol. 1 (Elizabeth Spillins, Ed.), pp. 167-184, Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Shentoub, V. (1983). Teste de Apercepção Temática. Teoria e método. *Análise Psicológica*, IV(1): 23-30.

#### RESUMO

A autora propõe uma modificação na atitude de

escuta e de interpretação da situação projectiva, extensível à situação de teste e de avaliação psicológica, aproximando-as das atitudes que presidem a toda a situação clínica.

A partir das noções de intersubjectividade, situação catastrófica, transformação e invariância e formação-expressão do pensamento, estabelece aquilo que considera ser um contributo para a caracterização da situação projectiva.

#### ABSTRACT

The author suggests a modification in the attitude of listening and interpreting the projective situation, which may be extended to the situations of testing and psychological evaluation, drawing them closer to the attitudes adequate for all clinical situations.

Based upon notions such as intersubjectivity, catastrophic situation, invariance and transformation and thought formation-expression, the author contributes to characterize the projective situation.